

De quem são as palavras?

Fabio Elias V. Tfouni

De quem são as palavras? Essa é a pergunta fundamental deste trabalho. Assim, cabe perguntar se se pode verificar de quem são as palavras, ou se cabe a uma proposição tética tal questão.

Trata-se acredito de um pouco de ambos: temos uma teoria e dentro dela faremos a inserção de uma proposição. No entanto a psicanálise não é só uma teoria, ela se verifica através da pesquisa psicanalítica.

Aqui, já podemos colocar nossa proposição: A palavra é do grande Outro (A).

Isto marca uma diferença com aposição de Bakhtin. Para este autor as palavras são inicialmente do pequeno outro, e não há referência ao A na sua teoria. O outro que se trata em Bakhtin é sempre um outro imaginário e muita coisa é definida na relação entre pequeno outro e pequeno outro (dialogia), mal sabe Bakhtin que a relação entre pequenos outros não passa de uma ilusão, porque o outro é meu objeto, e a relação ao objeto é sempre impossível.

As palavras são do A lugar do simbólico do tesouro do significante. O significante mestre e o traço unario são fundamentais nesse processo, pois o ste é Lei: sentença, legifera.

O sujeito é efeito de ste, só que este mesmo efeito faz com que ele esqueça (recalque) que é esse efeito, para surgir no imaginário como sujeito livre e autônomo, o processo descrito pela psicanálise é o mesmo daquele descrito por Pêcheux no esquecimento numero um.

Se as palavras são de A, nota-se que há uma questão da repetição e do novo aí: O que o sujeito repete do grande Outro e o que trás de novo.

Trata-se assim, de comentar o que Foucault fala da repetição e coloca-lo em interlocução com o que diz Pêcheux sobre a estrutura e o acontecimento e Freud e Lacan sobre a repetição

Em Foucault, particularmente na Ordem do discurso, aparece a questão da necessidade de controlar os discursos, e de deixar algo que deve ser sempre repetido e algo

que deve permitir novos dizeres mas sempre pautados pelo já dito. Surge assim de forma paradoxal em Foucault a questão a respeito “de quem são as palavras”.

Vale seguir os passos de Freud na questão da repetição pois isto desde o bebe terá resultados sobre o futuro leitor.

A criança recém nascida detesta o diferente, seu desejo é ficar numa espécie de principio do nirvana onde qualquer alteração no estado de “nirvana” trás insatisfação. ASSIM, A CRIANÇA DESJARIA NÃO TER FOME , NÃO TER SEDE, FRIO OU CALOR.

Esse é chamado por Freud o princípio do prazer, o fato de quando surgir a fome eu mata-la o mais rápido possível para entrar no nirvana novamente.

Lacan dizia ao deu auditório que estava lhes dando o prazer (pois transmitia algo a eles e o prazer é não precisar ir atrás do conhecimento sozinho...)é o mínimo esforço.

O desamparo da criança frente ao mundo faz com que ela seja dependente do Outro, e por aí capturada em sua imagem.

Trata-se do fato de que é preciso afastar a morte, o retorno ao inanimado, assim se o bebe é desamparado, a mãe interpreta seu choro como necessidade de alimento, assim, a ç recebe do Outro sua mensagem invertida “você chora porque tem fome”. Aqui esta situada a captura do sujeito pelo Outro. A ç precisa encontrar um lugar no desejo do Outro para não morrer. A criança recebe o ste do outro como verdade e no mínimo esforço.

Assim, a verdade pode vir tanto da mãe, como do dos textos fundadores que dão a possibilidade de discursos e interditam discursos novos.

O que Abreu comenta é que o controle de que Foucault fala é impossível na medida em que a incompreensão é a essencia da linguagem.

Sobre os signifiante mestre e o traço unário vale dizer com Lacan:

"O Outro, como sítio prévio do puro sujeito do signifiante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso `a existência, para dizê-lo com Hegel e contra ele, como absoluto senhor/mestre. Pois o que é omitido na mediocridade da moderna teoria da informação é que só se pode sequer falar de código quando este já é o código do Outro; ora , é de algo bem

diferente que se trata na mensagem, uma vez que é por ela que o sujeito se constitui, uma vez que é do Outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite. E estão justificadas as notações A e $s(A)$."p 821

O que ocorre é que há uma identificação com Outro, uma identificação simbólica que forma o ideal de eu (estudado em classe), assim o sujeito recebe as palavras do Outro como uma missão a cumprir:

" $I(A)$ equivale a uma identificação simbólica, à identificação do sujeito com algum traço significante (I) do grande Outro, da ordem simbólica. Esse traço é aquele que de acordo com a definição lacaniana do significante, "representa o sujeito para um outro significante"; ele assume forma concreta num nome ou numa missão de que o sujeito se encarrega e/ou que é depositada nele. Essa identificação simbólica deve ser distinguida da identificação imaginária $i(a)$, que fica inserida entre o eu (m) e seu outro imaginário $i(a)$ completa a identidade -consigo-mesmo do sujeito" (Zizek p103)

Assim se o sujeito for neurótico e não perverso ou psicótico como vimos em classe, ele terá o aparelho da linguagem completa e sua significação será sempre metafórica e metonímica. Isto faz com que por metonímias o sujeito nunca chegue ao *ste* original. O que faz com que o texto fundador seja inatingível.

Nota-se que como diz Abreu há uma procura de um tesouro secreto nos textos. Trata-se a nosso ver da procura do objeto escondido no Outro.

Estamos com isso, fazendo uma relação do sujeito ao objeto, situando o fantasma ($\$$ em relação a " a ").

Sbre isso vale dizer que o sujeito é falado, não fala. Mas isto no assujeitamento. O histérico foge do assujeitamento perguntando "Porque eu sou o que você me diz que sou?".

Assim, que se dirige ao analista é $\$$, o sujeito do inconsciente, na busca do saber. Isto mostra que, se queremos avançar no saber, temos que histericizar os discursos. Por que faz-se assim, com que o sujeito fale, palavra plena, oposto de palavra vazia.

Tudo isto que estamos falando sobre assujeitamento, talvez se encaixe no que Bakhtin fala sobre a palavra autoritária (Abreu, 1999). No entanto Bakhtin coloca outras classes de palavras como se houvesse a possibilidade de na dialogia se formar um eu não alienado ao outro (acreditamos, nós, na alienação). Isto é impossível segundo a teoria do desamparo do bebê.

A teoria do desamparo do bebê pode mostrar outras coisas: por exemplo podemos partir da pergunta de Marx "Porque o trabalho se transforma em mercadoria?", Nossa pergunta relacionada a essa é: Porque o desejo se transforma em mercadoria? Assim, notamos que o trabalho se transforma em mercadoria porque ele é uma mercadoria a mais, entre as outras, é vendido no mercado de trabalho, o sentido de o desejo se articula em mercadoria não está num paralelismo com o trabalho, mas esta fundamentado na teoria do desamparo. Se a criança chora e a mãe impõe um sdo a esse choro: "você chora porque esta com fome", então a criança tem seu desejo alienado ao outro, é o outro que diz à criança qual é seu desejo. Assim, o consumidor tem seu desejo alienado ao outro, ao outro da propaganda ou de uma simples necessidade de comprar. É o slogan que diz ao sujeito qual é o seu desejo. Ao contrario de um sujeito livre que sabe qual é esse desejo.

Outro problema de Bakhtin é que ele diz ser possível, conforme La rossa, uma pedagogia onde se possa traduzir o texto para nossas próprias palavras. Será que isso significa que teríamos todos metalinguagens para interpretar o texto? A metalinguagem não existe, já que para criar uma linguagem superior não outro recurso senão a própria linguagem. Como fica a apropriação?

Discordo de Bakhtin sobre a questão da letra viva e da letra morta, acredito que é precisamente uma letra morta que nos penetra e nos constitui. Isto pode ser notado no automatismo simbólico em Lacan, e no fato de que nossos pensamentos mais profundos são exteriores e superficiais.

Sobre o automatismo do simbólico é fundamental afirmar que, para nós, assim como para Lacan, há autonomia do significante, ou seja o simbólico funciona a despeito do significado, como puro jogo combinatório. Isso é uma das coisas que faz com que o slogan, através de metáforas e metonímias, penetre no inconsciente do sujeito. Vejamos Pascal e depois o comentário de Žižek:

“Pois não devemos nos enganar sobre nós mesmos: somos tanto autômato quanto mente. (...) As provas convencem apenas a mente; o hábito fornece as provas mais sólidas, e aquelas em que mais se acredita. Ele dobra o autômato, que inconscientemente leva a mente consigo.”(Pascal, 1966, apud Žižek, op. cit.)

Diz Žižek:

“Pascal produz aí a própria definição lacaniana do inconsciente: “o autômato (isto é, a letra morta e sem sentido) que inconscientemente [*sans le savoir*] leva a mente consigo”. Desse caráter constitutivamente sem sentido da Lei, decorre que devemos obedecer a ela, não porque seja justa, boa ou sequer benéfica, *mas simplesmente porque ela é a lei* — tautologia que articula o círculo vicioso de sua autoridade, o fato de que o fundamento último da autoridade da Lei reside em seu processo de enunciação.”(op. cit., p.318).

A palavra que nos penetra, mostra muito bem Žižek é um pensamento radicalmente exterior a nós como a abstração real presente na forma mercadoria. Toda mercadoria é sujeita a abstrações, na medida em que o que se troca não é um bem que se degrada e se transforma, mas um bem estático, idealizado.

Assim sendo, a abstração presente nas trocas de mercadoria é algo que vai além de uma teoria, o inconsciente do sujeito transcendental, é algo da prática, não se trata de algo localizado na mente do sujeito. Diz Žižek:

“Em outras palavras, na estrutura da forma mercadoria é possível encontrar o sujeito transcendental: a forma mercadoria articula de antemão a anatomia, o esqueleto

do sujeito transcendental Kantiano – isto é, a rede de categorias transcendentais que constitui o arcabouço *a priori* do conhecimento científico “objetivo”. (op. cit., p. 302)

Aqui está a alienação do sujeito a essa abstração: o fato de que os sujeitos não sabem o que fazem porque são fetichistas na prática, imaginam que o dinheiro é a encarnação da riqueza. As coisas acreditam em nosso lugar (não somos nós que acreditamos), aqui está a formula fetichista: Relações de coisas no lugar de relações de pessoas.

Diz Zizek:

“Assim, no plano do dia-a-dia, os indivíduos sabem muito bem que há relações entre pessoas por trás das relações entre as coisas. O problema é que em sua atividade social, naquilo que fazem, eles agem como se o dinheiro fosse a encarnação da riqueza como tal. Eles são fetichistas na prática, e não na teoria. O que “não sabem”, o que desconhecem é o fato de que, em sua própria realidade social, em sua atividade social – no ato de troca da mercadoria - , estão sendo guiados pela ilusão fetichista”.(op. cit., p. 314-5).

O mesmo ocorre com os livros ou autores: supomos em geral que um livro ou seu autor, em termos de um nome próprio, são a encarnação de uma riqueza: do saber. O que esquecemos é que estamos guiados pela ilusão fetichista. Ou seja, é preciso apontar que por detrás de um livro ou autor, há relações entre pessoas, são essas relações que fazem o conhecimento. No entanto essas relações desaparecem diante de nós e o que vemos é um saber que tem vida própria.

O significante, amercadoria e origem do sujeito

Inicialmente vamos dizer que Lacan afirma que o significante é o que significa o sujeito para outro *ste*. Como saber se é S1 que define o sujeito para S2 ou o contrário?

Aparentemente é S1, no entanto S1 está em desnível com S2, há uma dissimetria entre eles na medida em que S1 é o *ste* da excessão aquele fora da lei a qual todos os outros se referem, portanto é S2 que significa o sujeito para S1. Qual é o sentido de toda

essa discussão? É a de que se pode tomar dois ste's como opostos, mas na realidade eles não são opostos porque há DISimetria. Assim, o oposto de um ste é o vazio que lê deixa, vazio que é ocupado pelo sujeito, pois sujeito se define como descontinuidade se significante. Assim, a lógica do ste e a troca de mercadorias podem passar por opostos S1 opoe-se a S2 mercadoria A opõe-se a mercadoria B, mas o que faz surgir sujeito de desejo é o fato de que o ste fundamental da psicanálise o falo não tem oposto, daí que seu oposto é o sujeito desejante a histórica. Diz Žižek:

“Em ambos os casos, uma contradição inicial – valor de uso/valor (de troca) da mercadoria; significante/lugar vazio de sua inscrição, isto é, S/\$ - se coloca como mínimo estrutural da diáde: uma mercadoria só pode exprimir seu valor (de troca) pelo valor de uso de outra mercadoria; para um significante, é sempre outro significante que representa o sujeito (seu lugar vazio)...O jogo do singular e do plural, bem como a troca dos papéis entre S1 e S2 nas diferentes variações da fórmula do significante podem ser, por conseguinte, sistematizados pela referência ao desenvolvimento da forma-valor em Marx:” p.76

Uma das questões relativas a isso que Žižek discute é se a res cogitans, ou aquilo que pensa, tem uma identidade com as coisas do mundo, se é uma coisa a mais ou não.

Assim, trata-se de uma maneira de refletir sobre a continuidade ou descontinuidade do sujeito com o mundo. A questão de fundo presente é se há uma junção como aparece em descartes da noção de cogito com aquilo que pensa. Ou se pelo contrário como em Kant há aí um impossível.

Trata-se da distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, o sujeito do enunciado é o recheio mundano do sujeito da enunciação.

Para que o leitor entenda melhor o nosso ponto, devemos dizer que Žižek discute os filmes nior onde há uma lacuna entre o sujeito e o que ele realmente é. EM blade runner, Harrison Ford imagina que é um caçador de replicantes e descobre no final que ele mesmo é um replicante.

Assim o autor conclui que a maioria de nossos desejos e memórias São implantados (pelo capital). Cita também a revista time que diz que todos nós precisamos de histórias, de ficções e que não as tem praticamente não existe.

Aí esta a ligação da questão de “o que pensa” com a cultura popular e com o slogan de modo que o slogan de certa forma preenche nosso pensamento nossa fantasia. Assim, é que pretendemos seguir o descompasso radical entre aquilo que pensa e o sujeito do enunciado.

Descartes foi o primeiro a abalar a estrutura de nossa concepção de ontologia ao propor um gênio maligno que pensa por nós. No entanto a identidade entre o cogito e a substância pensante desfaz a radicalidade desse pensamento. É em Kant que fica clara a distinção entre o “penso” e “aquilo que pensa”.

A questão fundamental aqui: “De quem são as palavras” é fundamental na pesquisa do slogan, e podemos apontar como já fizemos anteriormente, que aquilo que pensa é exterior e é pura letra morta exercício de combinatória. Essa coisa exterior que pensa por nós pode ser o slogan ou a propaganda, na medida em que na fetichização da mercadoria as relações entre pessoas são substituídas por relações entre coisas. A despeito de qualquer julgamento consciente que façamos, quando vemos um slogan, ele pensa por nós.

Assim, para continuarmos nossa questão sobre a diferença do pensamento de Descartes e Kant, citamos zizek:

“According to Kant, descartes falls prey to the “subreption of the hypostasized consciousness”: he wrongly concludes that, in the empty “I think” which accompanies every representation of an object, we get hold of a positive phenomenal entity, *res cogitans* (a “small piece of the world”, as Husserl put it), which thinks and is transparent to itself in its capacity to think. In other words, self consciousness renders self-present and self-transparent the “thing” in me which thinks. What is lost thereby is the topological discord between the form “I think” and the substance which thinks...” p 13

gostaríamos de retomar nossa questão: “porque o desejo se articula na forma de uma mercadoria?” Dentro da questão de quem são palavras, podemos entender que não somos nós que compramos sim o nosso desejo é que é colonizado arrebatado ou vendido quando lê um slogan. A título da ligação entre o desejo e a mercadoria temos o seguinte slogan que apareceu num outdoor em ribeirão preto:

"Você pode até vir acompanhado mas vai sair sempre de par novo" trata-se da propaganda de uma loja de calçados.

O que podemos ver aqui? Que o leitor deve trocar o sexo pela mercadoria, trocar a relação de pessoas por uma relação de coisas. Neste ponto vale lembrar uma pesquisa feita na Inglaterra que constatou que a maioria dos ingleses prefere ir ao shopping a fazer sexo.

Aqui, como em Hegel o sujeito vira objeto e vice versa, ou seja: a definição de objeto a é aquilo que resiste a sujeitificação, pois bem o objeto pequeno a é o sujeito imaginário na sua incommensurabilidade com o que resiste a sujeitificação.

Em Hegel há um movimento entre sujeito e objeto. Se tomarmos essa questão sentido da fetichização será que não podemos inverter os termos ou seja, dizer que meu objeto é na verdade o sujeito do meu desejo?